

O LUGAR, SUAS IMAGENS E REPRESENTAÇÕES: uma proposição para Rua Sá e Albuquerque – Maceió/AL

THE PLACE, YOUR IMAGES AND REPRESENTATIONS: a proposition for Sá e Albuquerque Street - Maceió/AL

EL LUGAR, SUS IMÁGENES Y REPRESENTACIONES: una proposición para la Calle Sá e Albuquerque – Maceió/AL

Antonio Muniz Filho

Geógrafo e Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Doutorando em Cidades pela Universidade Federal de Alagoas (DEHA/FAU/UFAL). Professor Assistente do Curso de Urbanismo da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Bolsista PAC-DT (UNEB). munizfh@hotmail.com

Marcos Antonio Spinassé

Arquiteto Urbanista, Doutor e Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Alagoas (DEHA/FAU/UFAL). Docente no Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Católico de Vitória - ES (UCV). spinasse.mail@gmail.com

Recebido para avaliação em 15/08/2018; Aprovado para publicação em 17/10/2018.

RESUMO

A variação entre atenção e abandono registrada ao longo da história do lugar nascedouro da capital alagoana, que está à borda d'água, e a hodierna situação do Jaraguá, seu bairro portuário, observada a partir da provocação oriunda dos debates do Doutorado Cidades FAU-UFAL, motivou este estudo. Trabalhou-se na tentativa de transpor o plano da abstração, ao apresentar uma proposta de reabilitação urbana para o Centro Antigo de Maceió, com ênfase na localidade Jaraguá, considerando os problemas, as potencialidades e as perspectivas para o referido lugar a partir da investigação do imaginário coletivo dos habitantes locais.

Palavras-chave: Lugar; Reabilitação Urbana; Patrimônio.

ABSTRACT

The variation between attention and abandonment recorded throughout the history of the birthplace of the Alagoas capital that is at the water's edge, and the current situation of Jaraguá, its port neighborhood, observed from the provocation originated in the debates of the FAU-UFAL Cities, motivated this study. The attempt made was to transpose the abstraction plan, presenting a proposal for urban rehabilitation for the Old Center of Maceió, with an emphasis on the Jaraguá locality, considering the problems, the potentialities and the perspectives for the said place from the investigation of the collective imagination of the local inhabitants.

Keywords: Place; Urban Rehabilitation; Patrimony.

RESUMEN

La variación entre atención y abandono registrada a lo largo de la historia del lugar nacido de la capital alagoana que está al borde del agua y la actual situación del Jaraguá, su barrio portuario, observada a partir de la provocación originada en los debates del Doctorado Ciudades FAU-UFAL,

motivó este estudio. Se trabajó en el intento de transponer el plano de la abstracción, al presentar una propuesta de rehabilitación urbana para el Centro Antiguo de Maceió, con énfasis en la localidad Jaraguá, considerando los problemas, las potencialidades y las perspectivas para dicho lugar a partir de la investigación del imaginario colectivo de los habitantes locales.

Palabras clave: Lugar; Rehabilitación Urbana; Equidad.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar uma proposta de reabilitação urbana para o Centro Antigo de Maceió (AL), com ênfase para a Rua Sá e Albuquerque, no bairro do Jaraguá, observando os problemas, as potencialidades e as perspectivas para o referido lugar. De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN):

Conjuntos urbanos deteriorados, como ainda se veem em relevantes centros históricos – independentemente do porte da cidade – onde inclusive imóveis tombados estão em ruínas, representam disfunções nas formas de planejar, tratar e utilizar as cidades. A reabilitação e a qualificação dessas áreas devem passar, necessariamente, pela valorização do patrimônio cultural, tendo como objetivo principal o aproveitamento de seu potencial para alavancar processos de desenvolvimento social e econômico (BRASIL, 2011, p. 12).

A proposição partiu da atividade coletiva de pensar a cidade em uma perspectiva da experiência do habitar, nas suas distintas manifestações objetivas, através dos espaços urbanos no enlace das suas dimensões múltiplas e inter-relacionadas. O resultado propositivo da discussão produzida culminou em um produto de cunho comunicacional e intervencionista. A questão imperativa neste estudo foi: *Quais ações podem ser propostas com vistas a reabilitar o espaço urbano do Centro Antigo de Maceió, o Jaraguá?* Segundo a Agência Espanhola de Cooperação Internacional (AECI):

REABILITAR um centro significa recompor, através de políticas públicas e de incentivos às iniciativas privadas, suas atividades e vocações, habilitando novamente o espaço para o exercício das múltiplas funções urbanas, historicamente localizadas naquela área, que fizeram de sua centralidade uma referência para o desenvolvimento da cidade (BRASIL, 2008, p. 03).

Portanto, o objetivo central deste trabalho é apresentar uma proposta de reabilitação urbana para o Centro Antigo de Maceió, com ênfase na localidade Jaraguá, considerando os problemas, as potencialidades e as perspectivas para o referido lugar a partir da investigação do imaginário coletivo dos habitantes locais. Tal objetivo se encontra subsidiado por outros específicos: a) elaborar um mapeamento do Centro Antigo de Maceió (Jaraguá), demonstrando os diversos usos do espaço; b) propor ações de

intervenção/uso do Centro Antigo de Maceió (Jaraguá), com vistas a dinamizar o lugar; e, c) apresentar uma contribuição do Doutorado Cidades (FAU/UFAL) para o debate acerca da importância de reabilitação de Centros Antigos como um dos princípios de cumprimento da função social da cidade e da propriedade.

Utilizou-se a Rua Sá e Albuquerque como objeto empírico de análise para experimentar uma proposição piloto, com o intuito, se possível, de estendê-la a outras áreas da cidade. Isso se assenta na premissa de possibilitar, a partir da relação do homem com o espaço, uma ação de caminhar contemplativo que possa contribuir com a percepção da identidade cultural e do valor histórico do lugar, que residem no imaginário coletivo autóctone.

O presente texto traz comentários fundamentados em alguns princípios teóricos dos registros das atividades que foram realizadas no processo de projeção de uma intervenção urbana. Em “INICIANDO O PERCURSO: contextualizando o lugar” refletiu-se sobre o processo de formação territorial ao longo da história e sua importância na morfologia urbana dentro da lógica de apropriação do espaço. Na sequência, na seção “O PRISMA DOS URBANISTAS”, com base em Carlos (2007), caminhou-se, empunhado de uma câmera fotográfica, em busca de elementos experimentais do recorte espacial em estudo. Depois, em “A CARTOGRAFIA IMAGINÁRIA DOS INSIDERS”, apoiou-se em Tuan (1983) para verificar a “Perspectiva Experiencial” oriunda do lugar em análise, por meio de uma pesquisa on-line, e identificar possíveis elementos geradores de “valores positivos de entornos legíveis”, com base em Lynch (2010), que poderiam ser trazidos para a “experiência cotidiana”. Em “AS IMAGENS NO/DO LUGAR: espaço “amnésico”?, registraram-se os aspectos *in loco* e focou-se na sinalização e no mobiliário urbano presentes na Rua Sá e Albuquerque. Posteriormente, em “O LUGAR REABILITADO: projeções e conjecturas”, relata-se a experimentação de um processo de pesquisa, análise e proposição de um sistema de rotas e subsequente projeto de sistema de sinalização (comunicação visual) e mobiliário urbano, com vistas à expansão e reprodução dos resultados obtidos para áreas mais amplas. Por último, “PROPOSIÇÕES NÃO FINALÍSTICAS: um novo percurso...” abarca algumas considerações sobre a intervenção para a área de estudo.

INICIANDO O PERCURSO: contextualizando o lugar

É necessária uma reflexão sobre o sítio no qual se pensa em interferir. Tornar o contínuo em partes menores e observáveis é uma forma de compreender o espaço.

Deste modo a análise do lugar se revela - em sua simultaneidade e multiplicidade de espaços sociais que se justapõem e interpõem - no cotidiano com suas situações de conflito e que se reproduz, hoje, anunciando a constituição da sociedade urbana a partir do estabelecimento do mundial. O lugar é o mundo do vivido, é onde se formulam os problemas da produção no sentido amplo [...] (CARLOS, 2007, p. 20).

Assim sendo, é possível notar que o processo de formação territorial do Brasil ocorreu pela ocupação da borda litorânea e, por um longo período, sua economia se baseou numa política agroexportadora, configurando seu território em “arquipélagos” e ciclos econômicos voltados a atender as demandas externas. Os portos instalados no vasto litoral brasileiro tiveram importância significativa para a constituição de diversas cidades e vilas, corroborados pela ação dos mais variados “agentes produtores do espaço” (CORRÊA, 1989), os quais, desde os primórdios, já atuavam implantando imóveis que, com o passar dos tempos, ajudariam a configurar a paisagem urbana, principalmente nas áreas centrais das capitais.

Em Maceió, que fica à borda do mar, o processo não foi diferente, o seu espaço urbano também se relacionou com o corpo d’água em suas práticas cotidianas. O seu porto natural influenciou a circunvizinhança, em especial, a extensão de terra onde está situado o que hoje integra o bairro do Jaraguá.

A localidade do Jaraguá tem uma relevância na morfologia urbana de Maceió, pois se configurou como uma porta de entrada e saída de pessoas, informações e bens, que contribuíram significativamente para a transformação do espaço e de seu entorno.

O uso imposto pelos equipamentos instalados no Jaraguá e, também, as utilizações definidas pelas práticas dos usuários, ligados ou não a esses equipamentos, foram construindo uma lógica de apropriação do espaço.

A ocupação do espaço denominado Jaraguá¹, segundo Costa (1981), mesmo já existindo de fato na “era Cabralina”, é ocultado dos registros oficiais e só vai ter anotações a partir de 1611, na escritura por meio da qual Manoel Antônio Duro recebe por doação de Diogo Soares uma sesmaria. Esta continha “uma casa de telha tipo sobrado” em Juçara (atual Pajuçara).

¹ “Jaraguá, de **iara** (senhor) e **iguá** (bom) ou **guá** (pintado) (João Severiano da Fonseca); **Jara** (senhor), **guá** (enseada) – Enseada do Senhor – (Dias Cabral); **Yar-a-guá** (enseada do ancoradouro) ou **yara-guá** (enseada das canoas) (Moreira e Silca)” (COSTA, 1981, p. 1).

Somente após a saída dos holandeses da capitania de Pernambuco (incluía o que hoje é o atual estado de Alagoas), é que se tem registro que D. Pedro II (de Portugal) ordenou, em 1673, “ao governador geral, Visconde de Barbacena, fortificar o porto de Jaraguá e povoar a comarca das Alagoas com Ilhéus dos Açores” (COSTA, 1981, p. 6). Apesar da determinação real, a obra (fortificação) não foi executada.

Na sequência, o porto de Jaraguá, vocacionado desde seus primórdios à exportação do açúcar, é praticamente abandonado devido à ascensão dos “mascates”, elite comercial que mantinha a dependência comercial e financeira da “aristocracia colonial”, assim como da exportação quase que obrigatória feita pelo Recife, pois gerava o pagamento à “Fazenda Real”. Nesse contexto, “A velha Alagoas via alarmada a prosperidade da povoação litorânea. Definhava, lentamente, ficando ao abandono o seu porto de mar [...]” (COSTA, 1981, p. 18).

Foi, em 1819, quando Alagoas já estava emancipada de Pernambuco, que chega Melo Póvoas, o primeiro governador da província, através do Porto de Jaraguá, e não dos Franceses, considerando que a capital na época era Santa Maria Magdalena das Alagoas do Sul, ou Alagoas, dando uma demonstração de sua preferência por Maceió.

Em sua administração, Melo Póvoas faz uma série de intervenções em Maceió, que em 9 de dezembro 1839 se tornaria a capital da província. Outra vez o Jaraguá volta a aparecer, agora fazendo parte dos projetos desse governador estrangeiro, como é o caso da construção do Forte de São João, em 1820. No mesmo ano, o governador pede a José da Silva Pinto para fazer uma planta de Maceió. O desenho é copiado e alterado em 1841 por Carlos Mornay e, é nesse documento, que o Jaraguá é inserido em um mapa oficial (COSTA, 1981). Daí, por quase 100 anos, Jaraguá vive seu período áureo, virando foco das atenções, motivando a construção de várias edificações e oferecendo novos serviços urbanos.

Em períodos subsequentes, pela característica do bairro, advinda de suas atividades ligadas ao porto e, um pouco mais tarde, pela valorização das praias de Pajuçara e Ponta Verde como área de expansão imobiliária de classes sociais com maior poder aquisitivo, Jaraguá volta ao desprezo.

A cidade produzida liga-se à forma de propriedade que reproduz a hierarquia espacial enquanto consequência da hierarquia social passível de ser percebida na paisagem urbana através da segregação espacial cuja dinâmica conduz, de um lado, a redistribuição do uso das áreas já ocupadas, levando a um deslocamento de atividades e dos habitantes e, de outro, a incorporação de novas áreas que criam novas formas de valorização do espaço urbano (CARLOS, 2007, p. 37).

Da mesma forma, é possível identificar que ocorrem descontinuidades ou mudanças do uso desses elos das terras com as águas e isso, também, influenciou na produção do espaço habitado. Sob essa perspectiva, cabe identificar quem são os agentes produtores do espaço e quais seus rebatimentos/ações em Jaraguá. Conforme assinalado pelo IPHAN:

As políticas públicas urbanas desenhadas com o objetivo de reabilitar, qualificar ou reestruturar as áreas urbanas centrais e cidades históricas devem enfrentar algumas questões consideradas estruturantes para a superação de cenários de degradação e subutilização (BRASIL, 2011, p. 10).

Com efeito, é possível entender que a identificação dos agentes produtores do espaço no Jaraguá é um passo importante no processo de requalificação do lugar, sobretudo porque, ao se identificarem os proprietários de imóveis fechados e/ou subutilizados, podem-se aplicar algumas das diretrizes previstas no Estatuto da Cidade, evitando a especulação imobiliária e, conseqüentemente, promovendo a função social da cidade e da propriedade.

Conjuntos de imóveis vazios e abandonados que não cumprem sua função social constituem um estoque especulativo que está retido, aguardando valorização futura, ou o espólio [...], poderiam ser objeto de políticas públicas voltadas ao atendimento da população que mora precariamente em cortiços e favelas nas áreas centrais (BRASIL, 2011, p. 11).

Portanto, alguns dos usos possíveis para o Jaraguá seriam a destinação de “imóveis inativos” para fins de moradia e outros para implantação de espaços de convivência cultural ou de lazer, fato que promoveria uma maior dinâmica para o lugar e lhes daria maior visibilidade tanto no cenário interno quanto externo. Ou seja, ajudaria a apresentar uma imagem melhor da cidade tanto para a população autóctone, quanto para os diversos visitantes que circulam anualmente pela cidade de Maceió.

O PRISMA DOS URBANISTAS

Em seu estudo sobre a metrópole paulistana, Carlos (2007) busca compreender a sua espacialidade a partir da rua e questiona: “Por que a rua?” Na sequência, argumenta:

Escrevem alguns autores que nas ruas os homens não fazem mais do que passar. Já para Saramago, há na rua mais do que simples pressa. Para nós há um mundo que se revela nas ruas da metrópole. Nas ruas o presente nos assedia, traz a

marca dos itinerários às vezes dispersos, difusos ou mesmo concentrados definidos pela vida cotidiana.

Podemos afirmar que a vida aí é inesgotavelmente rica e plena de energia - é o nível do vivido. Na rua encontra-se não só a vida, mas os fragmentos de vida, é o lugar onde o homem comum aparece ora como vítima, ora como figura intransigente e subversiva. No movimento da rua, encontra-se o movimento do mundo moderno (CARLOS, 2007, p. 57).

Com base nessa ideia de Carlos (2007) de que a rua é vida vivida, realizou-se um percurso fotográfico na Rua Sá e Albuquerque - Jaraguá, para análise dos problemas, das potencialidades e das perspectivas de usos do espaço, objetivando a experimentação de uma proposição piloto de intervenção urbana que possibilite um caminhar contemplativo e uma contribuição para a percepção da identidade cultural e do valor histórico do lugar (Figura 01).

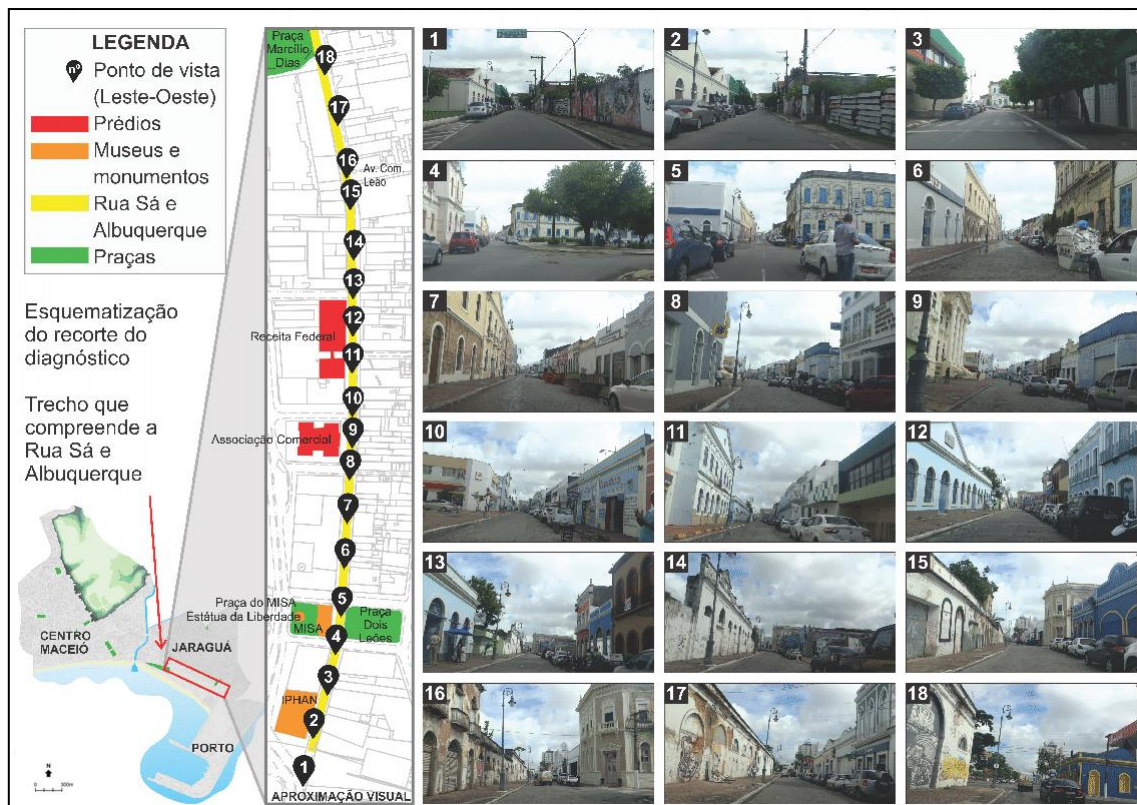


Figura 01 – Percurso fotográfico: Rua Sá e Albuquerque (Jaraguá-Maceió/AL)
Fonte: Produção dos autores (2016).

O pedido de tombamento ao IPHAN da Rua Sá e Albuquerque (Antiga Rua da Alfândega), solicitado pela Associação Comercial de Maceió, vem ratificar a importância dessa via e, consecutivamente, do bairro. Além disso, reforça a tendência à variação entre a atenção e o abandono desse lugar ao longo da história.

Assim, a análise do lugar envolve a idéia de uma construção, tecida por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a constituição de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizatória que produz a identidade homem - lugar, que no plano do vivido, vincula-se ao conhecido - reconhecido (CARLOS, 2007, p. 22).

Hoje, a utilização da Rua Sá e Albuquerque ocorre com maior frequência durante o período do dia, em estabelecimentos como bancos, prédios públicos e alguns escritórios de advocacia, onde também se encontram pequenos imóveis para alugar. Ademais, existem muitos imóveis fechados e degradados. À noite, o maior movimento se concentra em frente a uma faculdade privada ali instalada. O restante do percurso é deserto e não confiável (não inspira segurança). Segundo relatos colhidos no local, é nesse turno em que há a maior ocorrência de pequenos delitos, com maior incidência para o arrombamento de carros. O movimento é maior nas noites de quintas e sextas-feiras em razão da presença de casas noturnas (boates, bares, etc.)².

Nesse sentido, a relação entre a estrutura física e o tecido social tem que ser qualificadora, ou seja, a intervenção pública deve visar à recuperação dos monumentos e espaços públicos para destacar atributos e propiciar o desenvolvimento social. É necessário, portanto, que se promova o papel atualizado da “cidade do passado” no processo de desenvolvimento da cidade contemporânea e vice-versa (BRASIL, 2011, p. 10-11).

Dado a grande quantidade de edificações, exemplares do espaço urbano de uma época importante da existência de Maceió, Alagoas e, porque não, do Brasil, existe um interesse por parte de algumas instituições em tornar especificamente a Rua Sá e Albuquerque um patrimônio histórico.

Repensar a identidade do lugar cada vez mais dependente e construída no plano do mundial faz com que, hoje, a história do lugar passe cada vez mais pela história compartilhada que se produz além dos limites físicos do lugar, isto é, de sua situação específica. Assim a situação muda na trama relativa das relações que ele estabelece com os outros lugares no processo em curso de globalização que altera a situação dos lugares porque relativiza o sentido da localização (CORRÊA, 2007, p. 21).

Grosso modo, pela presença marcante desse espaço na memória e no imaginário da população local como um valor cultural alagoano e pelo fato de estar passando por mais uma fase de abandono, em especial no período da noite, justifica-se a reflexão introspectiva e a elaboração de uma proposta de intervenção e/ou ordenamento urbanístico apropriado para a localidade em questão.

² Informações obtidas *in loco* (maio/2016) pelos autores, a partir de conversas com usuários e transeuntes da localidade.

A CARTOGRAFIA IMAGINÁRIA DOS INSIDERS

Tomou-se, também, como parâmetro de análise, a percepção de pessoas que conhecem a localidade Jaraguá e como indicariam a outrem percursos e objetos a serem observados ao circularem pelo lugar³. Tuan (1983), ao discorrer sobre a “Perspectiva Experiencial”, assinala que “a experiência é constituída de pensamento e sentimento” (TUAN, 1983, p. 11). O referido autor demonstra como o uso dos sentidos provoca nas pessoas diferenciadas maneiras de percepção do espaço, “o lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser compreendida e esclarecida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado” (TUAN, 1979, p. 387 apud HOLZER, 1999, p. 70).

Os 36 lugares indicados (Figura 2) correspondem aos relatos da pesquisa de opinião pública realizada através da rede social Facebook, no período de 11 a 14 de maio de 2016. Na referida pesquisa, solicitou-se que livremente fossem respondidos os seguintes questionamentos: *Se tivesse que levar uma pessoa para conhecer o Jaraguá (Maceió/AL) em um percurso a pé: (1) por onde você começaria?; (2) o que mostraria?; (3) onde terminaria?* Os resultados apresentados são oriundos de 35 comentários de pessoas residentes em Maceió - aqui denominadas de *insiders* - que se manifestaram espontaneamente, por meio da rede social supracitada.

³ Pesquisa realizada através do Facebook (2016). Disponível em:
<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10154243901638901&set=a.493454073900.272032.655308900&type=3&theater>>.

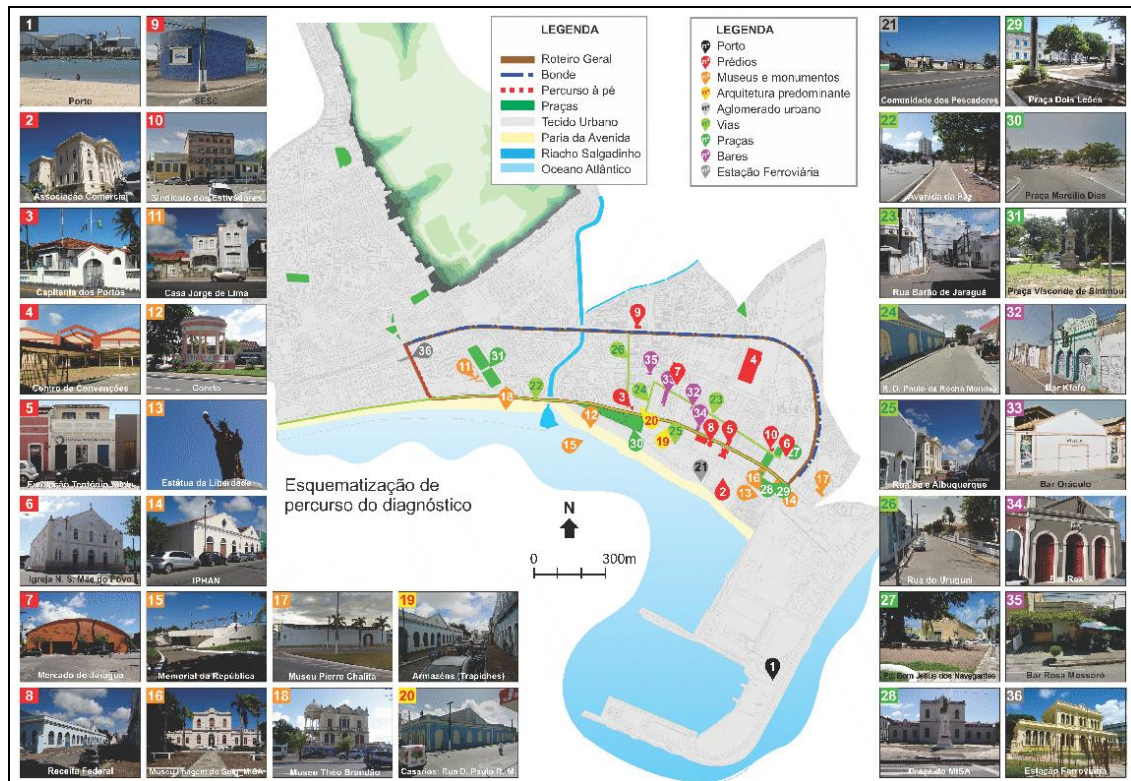


Figura 02 – Imagem da Cidade relatada pelos *insiders* – Mapa Mental.
Fonte: Produção dos autores (2016).

Os 12 locais em destaque correspondem aos mais indicados pelos *insiders*, nos relatos coletados na pesquisa de opinião pública (loc. cit.), levando a crer que tais locais se apresentam como signos espaciais para a população local (Figura 03).

Interessa [...], sobretudo, o papel da imaginação na produção de um espaço vivido, mas “vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação” (BACHELARD, 1988, p. 19). Esse espaço imaginado não é de modo algum o espaço indiferente que passivamente entrega-se à mensuração, à especulação e ao consumo.

Imaginando o futuro com Lefebvre, pode-se construir a cidade e a sociedade urbana como objetos virtuais aproximados, pensando-se a cidade como obra, com centralidades múltiplas e móveis, efêmeras e constantemente transformadas, renovadas. Pode-se imaginar também o fim da separação entre cotidianeidade e lazeres, o jogo e a invenção lúdica como valores supremos, o surgimento de centralidades lúdicas (SERPA, 2008, p. 61-62).

Não restam dúvidas de que é preciso dar um novo sentido e funcionalidade a esse lugar (Jaraguá), o qual, na ótica dos residentes e transeuntes, tem um papel e importância mais significativa que o uso/desuso que é dado pelo Estado e pelo capital imobiliário e especulativo.

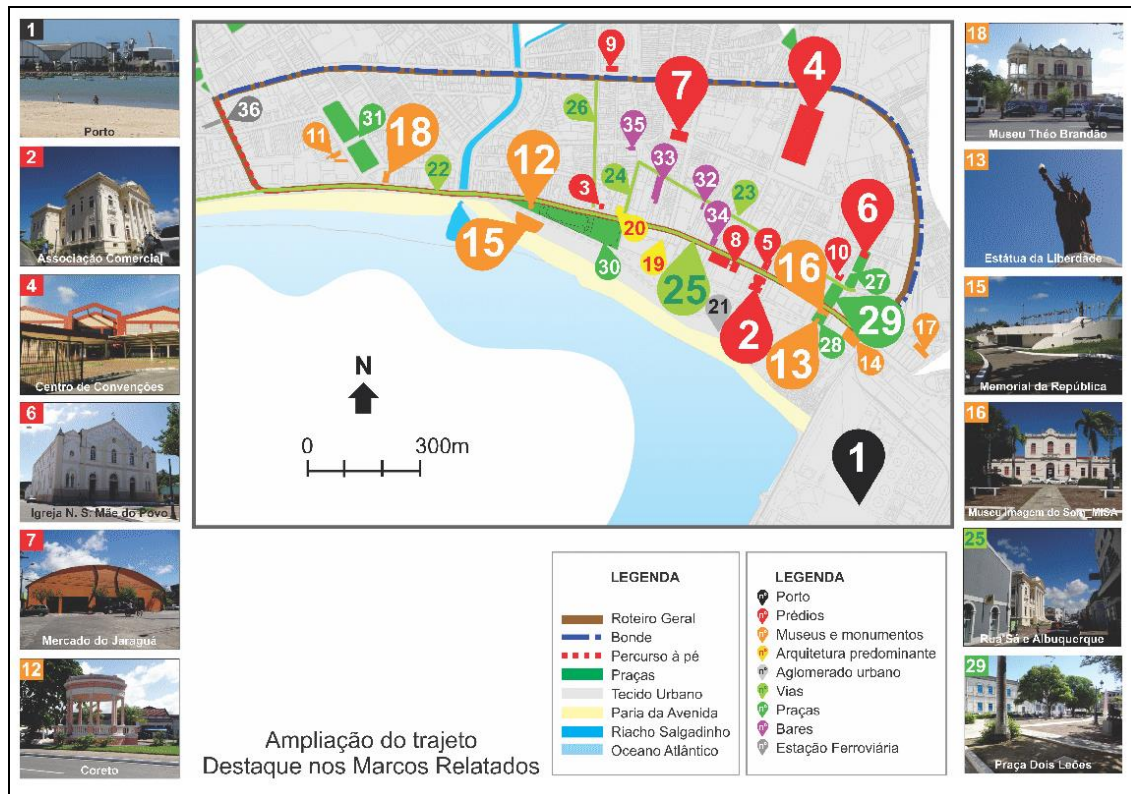


Figura 03 – Imagem da Cidade relatada pelos *insiders* – Lugares Significativos.

Fonte: Produção dos autores (2016).

Os *insiders* relataram que iniciariam o percurso pelo Jaraguá partindo do Leste (9 pontos localizados na região Leste com 27 citações dos entrevistados) e terminariam na região Oeste (9 pontos localizados na região Oeste com 25 citações dos entrevistados). Essa predileção embasou a decisão de indicar a extremidade Leste da Rua Sá e Albuquerque, onde está o Porto, como ponto de partida para o sistema de rotas. De mais a mais, no sentido Porto-Avenida, é possível fazer o percurso integral sem que seja necessário retornar a algum trecho. Configura-se praticamente como uma linha reta que leva de uma extremidade a outra. Essa escolha da “rota” está plenamente descrita no subtítulo apresentado a seguir, denominado: O LUGAR REABILITADO: projeções e conjecturas.

AS IMAGENS NO/DO LUGAR: espaço “amnésico”?

Além da visão proveniente do imaginário do cidadão maceioense, foram considerados os aspectos *in loco*. Para tanto, focou-se na sinalização e no mobiliário urbano presentes na Rua Sá e Albuquerque. Foi realizado, ainda, um breve levantamento dos problemas observáveis no lugar e, na sequência, apresentaram-se proposições, visando uma melhor utilização do espaço.

Os elementos de sinalização encontrados na Rua Sá e Albuquerque, Jaraguá (Figura 4), não dão conta de auxiliar a orientação no ambiente e, também, de reforçar a imagem que se apreende. Dito de outro modo, são pouco eficientes em treinar o observador através de um sistema de referências que permita o seu reconhecimento, uma locomoção mais fácil e rápida e uma maior segurança emocional, nem representam uma significativa “indicação, uma ordem, uma advertência, uma proibição ou uma instrução [isto é, não comunicam de forma eficaz e eficiente nem produz] uma reação imediata no observador” (FRUTIGER, 1999, p. 315).



Figura 04 – Sinalização – problemas observados.

Fonte: Produção dos autores (2016).

Assim sendo, a sinalização identificada não cumpre a tarefa de otimizar e/ou de viabilizar o funcionamento dessa via pública, mormente se considerar que o lugar tem forte potencial cultural, histórico e turístico e um grande fluxo de pedestres que transitam regularmente no ambiente.

A partir dessa observação, houve o entendimento de que existem alguns pontos críticos referentes ao **sistema de sinalização**, demandando maior atenção:

a) *Sistema de informação* (informação, localização, indicação e direção): não foi identificado priorização de informações, de necessidades dos usuários, definição de

hierarquia entre as informações, padronização de nomenclatura e normatização de informações;

b) *Sistema gráfico*: não se identificou uma definição harmônica dos elementos gráficos (tipografia, cor, pictogramas, imagens, ilustrações, texturas), nem uma linguagem gráfica e/ou conceitual adotada no lugar;

c) *Sistema físico/formal*: é perceptível a ausência de definição harmônica de suportes para informações, formatos, dimensionamentos, características funcionais e características formais, assim como a inexistência de uma conceituação de linguagem formal e de recursos tecnológicos homogêneos. A degradação que se apresenta no local se dá devido à pouca durabilidade dos materiais empregados e à falta de manutenção;

d) *Sistema construtivo*: observou-se a falta de definição integralizadora dos componentes do sistema, da modularidade, da seriação, da otimização dos materiais e dos processos produtivos;

e) *Sistema ambiental (wayfinding)*: no lugar, não há clareza sobre os pontos de decisão, dos fluxos e circulação, da linguagem arquitetônica e das interferências físico-espaciais;

f) *Sistema de compatibilização da sinalização*: tal sistema não fora identificado. O lugar carece em particular de um sistema que atenda aos princípios estabelecidos para acessibilidade e segurança em geral (escape, pânico, manuseio, riscos) e, partindo das observações anteriores, é possível que também não tenha sido elaborado um sistema normativo, com definição de manuais, do projeto e de implantação, planilhas de quantitativos e plantas de locação.

Da mesma forma que o sistema de sinalização, os elementos do **mobiliário urbano** disponíveis no lugar (Figura 5) não são apropriados para atender as demandas de utilização do cidadão (usuário) e de suporte às redes urbanas fundamentais, de forma a integrar o espaço de uso público harmoniosamente, especialmente no que diz respeito à visualidade e à acessibilidade.



Figura 05 – Mobiliário urbano – problemas observados.

Fonte: Produção dos autores (2016).

Indubitavelmente, se forem considerados aqueles que trafegam a pé, as atuais configurações da via (suas características, quantidade e qualidade dos elementos do mobiliário urbano) não possibilitam a tarefa de otimizar e/ou de viabilizar a funcionalidade do lugar e a valorização de suas potencialidades. Os pontos identificados como mais notáveis são:

a) *Sistema de mobiliário urbano*: não foi identificada a presença de elementos como bebedouros, quiosques (informações), ponto de recarga de equipamentos eletrônicos, parada para transporte (abrigo e ponto de ônibus, ponto de táxi), bicicletário, abrigos para transeuntes (chuva/sol, intempéries), relógios, termômetro e acessibilidade adequada. Tais elementos, devidamente estruturados, oportunizam o atendimento à demanda de utilização do usuário;

b) *Sistema de suporte das redes urbanas fundamentais*: os elementos encontrados no lugar, por exemplo coletores em geral (entulhos), postes de redes elétrica, iluminação e sinalização, estrutura para a sinalização, bueiros de acesso para inspeção e manutenção das redes de água e de energia elétrica, caixas coletoras diversas, sistema de escoamento pluvial, divisores, limitadores, guias e balizadores, jardineiras e vídeo monitoramento não apresentam uma harmonia formal e parecem indicar que sua instalação naquela área objetivou prioritariamente a sua funcionalidade básica. Assim sendo, mesmo que estejam

de acordo com seu papel, não contribui morfologicamente para a harmonia (especialmente visual) do espaço urbano de uma forma satisfatória. Alguns elementos não foram identificados na área em observação, a saber: guarita (segurança), armário da rede telefônica e elétrica e sistema de som;

c) *Sistema de tecnologia embarcada*: não foi registrado nenhum elemento de computação ubíqua (*smart city*), equipamentos e tecnologia para o conforto ambiental ou mesmo cobertura, equipamentos e tecnologias de eco eficiência e que são destinados à facilitação da acessibilidade.

Adotaram-se “alguns princípios de design urbano” (LYNCH, 2010, p. 17), nos quais “a análise da forma existente e de seus efeitos sobre os cidadãos” foi “uma das pedras do design da cidade” que apresentamos. A proposição visa criar “valores positivos de entornos legíveis” (LYNCH, 2010, p. 6) para alguém trafegar a pé pelo espaço, com “satisfação emocional” e novos aprofundamentos que podem ser trazidos para essa experiência cotidiana.

A partir dessa análise, elaborou-se um sistema aberto de rotas composto de entradas, vias de circulação e algumas saídas para dar um suporte adequado ao caminhar contemplativo.

Para tanto, utilizou-se o étimo “rota”, que vem da navegação, como a trajetória de uma embarcação, no sentido do caminho a seguir para ir de um lugar a outro. Itinerário, rumo, trajeto em lugar do termo “roteiro”, o qual está relacionado à descrição minuciosa de viagem, indicação e localização de ruas, praças, parques etc. de uma cidade.

Desse modo, pretende-se propor um sistema para exercer uma ação, o caminhar, feita com certa ordem preestabelecida, por meio do qual o caminhante pode adotar a que achar melhor, de acordo com seu desejo e/ou necessidade, isto é, um *Wayfinding*. A rota ou o conjunto de rotas poderá servir como um ponto de partida na decisão sobre a forma de experimentação podal ou na vivência que se quer em uma relação do usuário com aquele espaço.

O LUGAR REABILITADO: projeções e conjecturas

Experimentou-se a Rua Sá e Albuquerque como trecho piloto, um processo de pesquisa, análise e proposição de um sistema de rotas e subsequente projeto de **sistema de sinalização** (comunicação visual) e **mobiliário urbano**, com vistas à expansão e à reprodução dos resultados obtidos para áreas mais amplas.

O conceito adotado na proposta parte de um olhar para o Jaraguá por dois prismas. Um dará as premissas mais direcionadas à formulação de sistema de rotas e outro para o sistema de sinalização e mobiliário urbano. Mas ambos se inter-relacionam formando um todo sistêmico.

Um dos prismas colocou no alvo os elementos urbanos do Jaraguá reconhecidos e valorizados pela opinião pública local, que incluem prédios, museus e monumentos, vias, praças e bares. Focalizou, também, nos relatos dos cidadãos sobre as suas preferências de percursos naquele espaço. Por outro prisma, é possível visualizar que o período de ouro do Jaraguá é evocado da memória e do imaginário da população autóctone, como forte agregador de valor cultural daquele lugar.

As memórias afetivas e as preferências relatadas pelos *insiders* fundamentaram a proposta de um sistema de Rotas **PORTO-AVENIDA (Leste-Oeste)** e seus acessos pela **PRAIA (Sul)** e **POR DENTRO (Norte)** da Rua Sá e Albuquerque (Figura 6). Consequentemente, delineou-se um sistema de sinalização e mobiliário urbano que almeja gerar valores positivos de entornos legíveis para propiciar condições adequadas à satisfação emocional e à estrutura da comunicação ou da organização conceitual para uma vivência positiva.

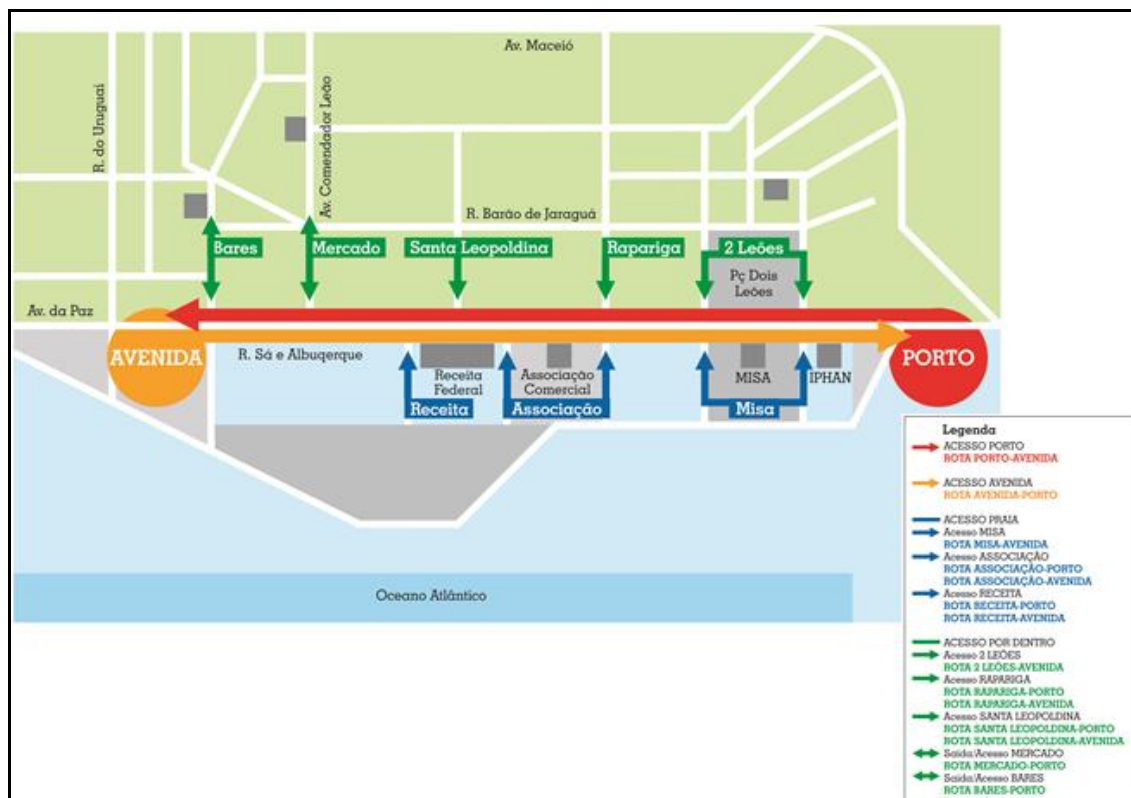


Figura 06 – WAYFINDIGN - Proposta de Rota: Leste (Porto) – Oeste (Avenida).
Fonte: Produção dos autores (2016).

Todos os acessos podem ser também considerados como SAÍDAS. Optou-se, como saídas importantes, por BARES e MERCADO, em razão de serem um reconhecido atrativo (comendo, bebendo e ouvindo música) para o término de uma visita. Adotou-se o étimo indicado pelos *insiders* para denominar os acessos, os lugares e as rotas, assim como cores diferentes para identificar visualmente. Isso com o intento de auxiliar e facilitar a localização dos elementos que compõem o sistema de Rotas, mas também propiciar princípios para compreensão racional do espaço a percorrer.

PROPOSIÇÕES NÃO FINALÍSTICAS: um novo percurso...

Tomou-se, como pressuposto teórico de análise, projeção e proposição de intervenção para a área de estudo, **a produção do espaço urbano**, que é, segundo Corrêa (2014, p. 41), “decorrente da ação de agentes sociais concretos, com papéis não rigidamente definidos, portadores de interesses, contradições e práticas espaciais que ora são próprios de cada um, ora são comuns”. Também foram consideradas como parâmetros metodológicos duas dimensões escalar: “**espacial**, ou áreas de abrangência de um processo ou fenômeno (local, regional, nacional, global); e **conceitual**, ou as relações entre um objeto de pesquisa, os questionamentos e teorias pertinentes e sua representação cartográfica” (CORRÊA, 2014, p. 41, grifo nosso).

Conforme sinalizado, a área em estudo abrangeu o Centro Antigo de Maceió, incluindo o bairro Jaraguá, mais especificamente a Rua Sá e Albuquerque (escala espacial). Tais locais foram dialeticamente analisados, considerando os papéis dos agentes sociais e a construção de suas ações no processo de produção do espaço; mapeados, tendo como parâmetro imagens do lugar e percepção de moradores e transeuntes; projetados percursos e novos usos para a localidade, levando em conta tanto o seu patrimônio material quanto imaterial (escala conceitual).

Com efeito, recomenda-se, para o recorte espacial estudado, assim como suas circunvizinhanças, a elaboração mais aprofundada e detalhada de um Projeto de Programação Visual (Design de Sinalização), bem como uma proposta de Mobiliário Urbano, que adote, a priori, um conceito contemporâneo, devidamente operacionalizado com tecnologia digital e comunicação ubíqua, apoiado em elementos que tenham interface com características do período áureo do Jaraguá, final do século XIX até início do século XX. Isso porque predominavam em seu espaço urbano elementos em ferro fundido ornamentados, a tipografia serifada ou cursiva, o mobiliário urbano com configurações

ecléticas e outros artefatos identificados, *in loco* ou nos registros históricos, ao longo das pesquisas e no desenvolvimento projetual decorrente.

As diretrizes projetuais recomendadas neste trabalho para o Jaraguá e suas redondezas estão fundamentadas em pesquisas bibliográficas, de opinião pública, em metodologia e conhecimentos tácitos de projetistas aplicados em um experimento acadêmico propositivo.

Além de uma contribuição propositiva, há, também, um aporte teórico. Pelo que se observou a partir do experimento acadêmico, é possível se apoiar na memória histórico-afetiva, capturada pelo relato expresso pelos “*insiders*” mediados por uma rede social na internet, e identificar os marcos espaciais e suas interconexões no espaço urbano. Também se percebeu que, a partir do coletado dos “*insiders*”, se pode, por meio da racionalização oriunda do conhecimento técnico-científico, propor uma forma de efetivar um uso espacial gerativo de valores positivos do lugar. Em decorrência disso, abrem-se perspectivas a um exame mais acurado a respeito dessa abordagem, o que demandaria uma pesquisa mais extensa sobre a temática.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério das Cidades. Agência Espanhola de Cooperação Internacional – AECI. **Manual de Reabilitação de Áreas Urbanas Centrais**. Brasília: Ministério das Cidades/AECI, 2008.

BRASIL. Ministério das Cidades. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Implementação de ações em áreas urbanas centrais e cidades históricas**: manual de orientação. Brasília: IPHAN/Ministério das Cidades, 2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CORREIA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. Sobre agentes sociais, escalas e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, A. F. A; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (Org.). **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2014. p. 41-51.

COSTA, Craveiro. **Maceió**. 2. ed. Maceió: SERGASA, 1981.

FRUTIGER, Adrian. **Sinais e símbolo**: desenho, projeto e significado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HOLZER, Werther. O Lugar na Geografia Humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano 04, n. 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SERPA, Ângelo. Como prever sem imaginar? O papel da imaginação na produção do conhecimento geográfico. In: _____ (Org.). **Espaços culturais**: vivências, imaginações e representações. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 59-67.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.